▪ Ano 1
▪ Número 0
▪ Matias Barbosa – MG – Brasil
▪ Edição comemorativa
▪ Agosto 2025

TERRA À VISTA

U&M 50 ANOS SEMPRE EM MOVIMENTO

A U&M É OURO!

E prata, cobre, bauxita, ferro… em breve, lítio... uma engrenagem que não para, a serviço de pessoas que, há 50 anos, confiam na empresa, referência em movimentação de solo e rocha

São clientes, fornecedores e funcionários que fazem a U&M ser o que ela é hoje. Especializada em mover terras, uma etapa complexa de toda operação de mina, a empresa vem crescendo, pautada desde o início em valores como ética, simplicidade, união e excelência.

O resultado vem sendo colhido com muito mais do que números: com a satisfação de manter bons relacionamentos e respeito junto a uma rede de parceiros que se orgulham de estar com a U&M.

Conheça, ao longo destas páginas, a trajetória, os desafios, os avanços e as pessoas que movem a empresa, que começou da "multiplicação de zero por zero para não quebrar" e hoje alcança a capacidade de movimentar até 400 milhões de toneladas de solo e rocha por ano, com uma frota de aproximadamente 800 equipamentos em 10 operações nas principais regiões mineradoras do Brasil.

E o melhor: comemorando essa história junto a uma equipe de 3.000 funcionários espalhados pelo país.

Este é um jornal para registrar, celebrar e compartilhar com você, leitor, essa felicidade!

Boa leitura!

INOVAÇÃO

Tradição em manutenção abre espaço para soluções autônomas e híbridas

Página 6

MANUTENÇÃO CIRCULAR

Caminhões são modernizados com criatividade e engenharia própria

Página 6

PROJETOS SOCIAIS

Fora dos canteiros, iniciativas transformam comunidades

Página 7

O LEGADO DOS MACHADO

O três irmãos na Administração da U&M, Renato, Sérgio e Marcelo, resgatam lembranças de seus primeiros passos na empresa

Página 3

Funcionário mais antigo da U&M, Maercio cuida todos os dias da muda que ele mesmo plantou

O futuro cria raízes

No jardim da sede da U&M, uma muda de sequoia foi plantada como um símbolo de visão de longo prazo, força e permanência. Capaz de viver mais de 4 mil anos, essa árvore inspira a olhar além do presente e cultivar um futuro sólido e duradouro, profundamente enraizado nos valores da U&M.

SANGUE VERDE

O gosto de vestir a camisa e entrar em campo

Conheça histórias reais de funcionários que constroem a U&M com orgulho e pertencimento

Página 8

TERRA DE FORA

Por trás de tudo o que usamos, há mineração

Página 2

> ***Somos responsáveis por aquilo que fazemos e PRINCIPALMENTE por aquilo que deixamos de fazer***
>
> *Molière*

"Queremos construir um futuro com responsabilidade, técnica e alma"

Sérgio Machado, Diretor-Presidente da U&M

TERRA NOSSA

A U&M de hoje e de amanhã

Por Sérgio Ribeiro Machado, Diretor-Presidente da U&M

Desde pequeno, aprendi que, quando se move terra, se move também uma história: a nossa, a das pessoas e a do país. Acompanhar meu pai em pequenas obras me ensinou que operar máquinas é só uma parte do trabalho. Mais do que mover terra, nossa missão é mover o mundo com responsabilidade, segurança, ética e excelência. Hoje, à frente da U&M, carrego comigo essa consciência.

Foram cinco décadas construídas sobre um tripé que não se abala: paixão por máquinas, compromisso com as pessoas e respeito ao planeta. Ao longo dessa trajetória, a U&M tornou-se referência nacional em mineração e terraplenagem pesada. Mas o que nos diferencia não é o tamanho da frota ou o volume de material movimentado. É a maneira como fazemos: com integridade, foco no cliente, técnica e alma.

A empresa que ajudamos a erguer com as mãos e a mente é feita por gente comprometida, que trata cada operação como se fosse sua. A política de sociedade para funcionários, que já soma quase 200 acionistas, é a materialização desse espírito: quem constrói junto colhe junto.

Nosso setor enfrenta hoje um duplo desafio: entregar performance em um cenário de alta complexidade e, ao mesmo tempo, atender às exigências crescentes de sustentabilidade e governança. Sabemos que não existe futuro sem mineração, mas também sabemos que só haverá futuro se ela for feita com responsabilidade. A U&M tem orgulho de ser parte de uma nova geração de mineração: mais limpa, mais eficiente.

Já operamos com padrões de emissão reduzida, tratamos nossos resíduos com rigor e buscamos soluções energéticas mais sustentáveis. Estamos em sintonia com as melhores práticas globais. E queremos ir além. A experiência em países como a Zâmbia nos preparou para atuar em qualquer ambiente, respeitando culturas, superando adversidades e entregando resultados com excelência.

Nos próximos 50 anos, continuaremos movendo terra. Mas, mais do que isso, queremos transformar relações, fazer parte da construção de um país mais forte e regenerativo. Com simplicidade e foco no que importa. Porque é assim que sempre fizemos. E é assim que queremos continuar.

Nosso compromisso com o futuro passa por formar talentos e garantir que cada operação leve valor ao cliente, à comunidade e ao planeta.

Avançar é preciso. Mas avançar com consciência, coragem e consistência é o que faz da U&M uma empresa com fôlego para os próximos mil anos.

TERRA DE FORA

Os minerais em nossas vidas

Por Francisco Alves

Embora a maioria das pessoas não se dê conta, os minerais estão cada vez mais presentes no cotidiano de nossas vidas. Sem exageros, dá pra dizer que sem os diversos bens minerais que são extraídos da terra, a nossa vida hoje – pelo menos tal qual ela é – seria quase impossível.

A nossa dependência de bens minerais aumenta a cada dia, e o consumo cresce conforme nossa vida na Terra vai se modernizando. De acordo com um relatório do Pnuma (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), de 1970 a 2024 o uso de recursos minerais aumentou de 30 bilhões de toneladas para 106 bilhões de toneladas, ou seja, o consumo per capita passou de 23 kg/pessoa/dia para 39 kg/pessoa/dia. Calcula-se que nos países mais desenvolvidos cada pessoa consome – direta ou indiretamente – 10 toneladas por ano de produtos de origem mineral. O exemplo mais marcante é o dos Estados Unidos, onde, para manter o seu padrão de vida, cada indivíduo demanda nada menos que 17,4 toneladas de minerais anualmente. Ou seja, um caminhão de produtos minerais, dos mais variados.

Em média, cada americano consome anualmente (com base nos números de 2024) 4,27 toneladas de pedra, 3,07 toneladas de areia e cascalho, 290kg de cimento, 110kg de ferro, 10kg de alumínio, 600g de cobre. No Canadá, a média de consumo tem sido de 15 toneladas/pessoa. Na Europa, a média consumida tem se mantido em torno de 7 toneladas há muitos anos.

No Brasil, infelizmente não há números atualizados, mas é possível prever que o consumo per capita de bens minerais no país é muito abaixo da média dos países desenvolvidos. Números de 2008 (os mais recentes disponíveis) indicam que o consumo de minerais agregados (areia e brita), cimento, aço, cobre e alumínio no Brasil variava entre 1/3 e 1/6 da média de países europeus.

Praticamente tudo o que usamos hoje em dia depende de minerais para sua produção. A começar pelas nossas moradias e quase tudo que está dentro delas para vivermos com mais comodidade. Os nossos meios de locomoção modernos (automóveis, ônibus, trens de alta velocidade), cada vez mais, dependem dos minerais para sua produção.

Dois dos principais símbolos da modernidade, o celular e o carro elétrico, dependem de vários minerais para sua produção. No caso do carro elétrico, precisamos de lítio, cobalto, níquel, grafita, manganês, alumínio, cobre, terras raras, nióbio, zinco, silício, além do tradicional minério de ferro. Só a bateria do carro elétrico leva em média 300kg de minerais.

Já um aparelho celular requer, para sua fabricação, silício, cobre, ouro, lítio, cobalto, tântalo, índio, estanho, terras raras, alumínio, tungstênio e zinco.

Os equipamentos modernos da medicina, que nos permitem hoje diagnosticar enfermidades e salvar vidas, também dependem de vários minerais e metais, como aço (que precisa do minério de ferro para ser produzido), titânio, cobalto, cromo, níquel, cobre, prata, alumínio (bauxita), zinco, magnésio, nióbio, platina, paládio, ródio, ouro, lítio, silício e terras raras.

Mesmo atividades básicas, como a agricultura, dependem de minerais (fosfato e potássio), para produzir os alimentos que consumimos no dia a dia. Ou seja, embora não se possa afirmar categoricamente que a vida na terra seria impossível sem os minerais, dá para dizer que sem os minerais (e a mineração que os produz) nossa vida na terra ficaria bastante difícil.

FRANCISCO ALVES

Jornalista, Editor-executivo da "Brasil Mineral", convidado a escrever o artigo desta edição dos 50 anos da U&M

> ***Longo é o caminho ensinado pela teoria, curto e eficaz o do exemplo***
>
> ***Sêneca***

> ***A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo***
>
> ***Peter Drucker***

> ***É meio que divertido fazer o impossível***
>
> ***Walt Disney***

TERRA ILUSTRADA

TERRA À VISTA

Ano 1 • Número 0
Edição comemorativa • Agosto 2025
Matias Barbosa — MG — Brasil

Conselho Editorial
Carolina Zacharias
Isabel Pequeno
Letícia Aleixo
Luciana Neves
Wendell Guiducci

Coordenação e Revisão
Isabel Pequeno

Edição e Textos
Isabel Pequeno
Wendell Guiducci

Projeto Gráfico, Design e Diagramação
Ruy Alhadas

Imagens
U&M / Divulgação

Produzido por
Fish Ideia & Conteúdo

FSC www.fsc.org MISTO Papel | Apoiando o manejo florestal responsável FSC® C008583

Saiba mais
www.uem.com.br
@uemmineracao
Canal U&M

Contato
Telefone: +55 32 3311-1000
E-mail: comunicacao@uem.com.br

U&M 50 ANOS SEMPRE EM MOVIMENTO

Pularam no barro, sonharam alto e não param de crescer

Renato, Marcelo e Sérgio Machado relembram as histórias que moldaram os valores da U&M, da infância nos canteiros aos desafios que levaram a empresa a se tornar referência em movimentação de terra e rocha

Em um bate-papo descontraído, os irmãos Renato, Marcelo e Sérgio Machado se reuniram numa manhã, antes da reunião do Conselho, e voltaram às origens da U&M, mostrando como a união, a simplicidade e os valores herdados dos patriarcas Gumercindo e Berenice seguem guiando a empresa. Mais do que contar o passado, eles ajudam a entender por que o presente é tão sólido e o futuro, tão promissor.

"Criancinha, com 5, 6 anos, já ia com meu pai para as operações", recorda Renato. "Eu me lembro desse tratorzinho Hanomag, que está aí na porta, trabalhando ali no Distrito Industrial de Juiz de Fora. Às vezes, a gente ficava até meio-dia para fazer ele pegar. Deixava o Hanomag em cima do morro para pegar no tranco. E costumava não pegar! Depois, meu pai, com muito custo, comprou um motor Mercedes, devia ser um OM 352, coisa assim, e adaptou nele, e ele ficou melhorzinho."

Nas palavras de Renato, ecos vindos do início dos anos 1960, reluzem pistas da vocação da U&M para a criatividade a serviço da eficiência, da inovação a favor da circularidade. A recordação seguinte resgata outro valor inegociável da empresa: o cuidado com as pessoas. "Eu me lembro de ir com meu pai tentar arrumar dinheiro para pagar os funcionários. Eram cinco ou seis funcionários só, e ele pagava todo sábado, mas volta e meia não tinha o dinheiro. E eu o acompanhava, ficava até tarde rodando posto de gasolina para trocar cheque para pagar o pessoal. Ele não tinha dinheiro para nada, mas não me lembro de algum dia ter atrasado pagamento de funcionário."

A força das origens: Dona Berenice e os três filhos Sérgio, Renato e Marcelo, em frente ao Hanomag, símbolo do início da empresa

"A gente não tinha opção de comprar máquina nova, então o povo foi desenvolvendo essa expertise de dar carinho pras máquinas. E elas correspondiam"

Renato Machado

'COMEÇOU COMO BRINCADEIRA'

Para Marcelo, as primeiras lembranças são lúdicas: o campo de trabalho era também um parque de diversões. "Meu pai levava a gente para as obras. O trator vinha, jogava terra e a gente vinha correndo e pulava nos barrancos." Empolgado, Marcelo detalha que os irmãos entravam na caçamba de um trator Madal e pulavam enquanto a terra ia entrando. Coisas absolutamente impensáveis nos dias de hoje, mas que à época forjaram uma relação muito natural com a movimentação de terra. "Começou como uma brincadeira, e eu acho que isso nos deu muita familiaridade com o tema. A gente praticamente nasceu brincando com terra." O caçula Sérgio concorda: "Era uma delícia mesmo. Você pulava no talude, ia caindo e afundava no fofinho."

"Meu pai falava que o mais difícil, quando a gente começa, é multiplicar zero por zero e achar resultado"

Marcelo Machado

'PAI, EU TÔ QUERENDO CASAR'

Todos os sete filhos de Gumercindo e Berenice começaram a trabalhar cedo na Módulo Terraplenagem, que viria a dar origem à U&M na década de 1990. Mas só Renato, Marcelo e Sérgio permaneceram no ramo da movimentação de terra. "A gente era meio que emancipado aos 13, 14 anos, quando começava a trabalhar com carteira assinada", comenta Marcelo. Ele conta que também atuaram na Módulo Metais, outro negócio do pai, onde, entre outras coisas, "pintavam etiquetinhas metálicas para a Siderúrgica Mendes Júnior".

Mais velho dos três, aos 18 anos Renato assumiu a direção da Módulo, mas aos poucos foi empreendendo em outros negócios. Até que tomou a decisão de sair da empresa. "Dos 13 aos 23 anos, eu ganhava um salário mínimo. Meu pai não dava mole. Eu falei 'pai, eu quero casar, eu preciso de mais do que isso e tal'. E ele aceitou bem. E aí sobrou para o Marcelo", diz, em tom de brincadeira. Marcelo assumiu o comando da Módulo com 18 para 19 anos. "Aprendi muito com o Renato, porque ele sempre foi muito exigente. E meu pai nunca interferiu no nosso trabalho. Era liberdade total, mas muita responsabilidade: 'se vira'", recorda Marcelo.

Sérgio também teve sua carteira assinada aos 14 anos. "Minha relação era maior com eles", diz, enquanto aponta para Renato e Marcelo. "Eu 'fichei' na Módulo no escritório que a gente tinha lá no Solar do Progresso, fazia serviço de banco à tarde e estudava de manhã." Àquela época, a Módulo Terraplenagem já tocava obras fora da cidade, fazendo desaterros, principalmente. "O Marcelo me levou para Cataguases, foi uma das primeiras operações que visitei, tinha um cara bravo." Marcelo ri e completa: "Era uma obra difícil, uma barragem para a Indústria Celulose Matarazzo. Tinha um italiano que gostava da gente, mas era bravo mesmo. A gente pegando na enxada de noite, aquela dificuldade toda, aí peguei o Serginho nas férias pra ajudar. Chegou lá, o homem, bravo: 'Mas eu peço reforço e você traz o berçário da Módulo pra cá!!!".

BANGU E UM FÊMUR ESPATIFADO

Motocross era uma paixão para Marcelo e Renato. Mas para ganhar uma moto era preciso fazer por onde. Por volta de 1982, 1983, a Módulo venceu a concorrência de uma obra para um conjunto habitacional em Bangu, no Rio de Janeiro, e Marcelo pegou as férias escolares de julho para trabalhar lá. "Renato falou: 'ó, vai pra obra que eu converso com meu pai e você vai ganhar uma moto de cross'. Eu ficava acampado junto com os funcionários, ajudava na troca de turno, era ajudante de mecânico, operava máquina… carro apertado é que canta, né?" Por fim, Marcelo ganhou a moto: "Na primeira corrida que fiz com a moto, que era velha, dei um salto errado, caí e quebrei o fêmur. Fiquei seis meses de muleta e meu presentinho meio que evaporou nessa."

A história faz Renato se lembrar de que, para trazer as máquinas de volta de Bangu - o empreendimento se chamava Rio Vivendas -, foi uma aventura. "Tínhamos cinco moto scrapers 621 trabalhando lá. Era um contrato tão ruim que quando terminou a gente não tinha dinheiro para trazer os scrapers de volta. Aí a gente resolveu trazer os moto scrapers rodando de Bangu para Juiz de Fora. Eu vim numa Brasília, como batedor. Saímos pela Avenida Brasil, depois por dentro de Duque de Caxias até subir a Serra de Petrópolis. Quando chegamos lá em cima, só chegaram quatro. 'Ah, meu Deus, deve ter quebrado…' Minutos depois chega a polícia trazendo o último, com o Zé Paraná, nosso funcionário. Mas no final os policiais não quiseram ficar com o scraper lá e deixaram. Chegamos aqui em Juiz de Fora de noite."

'SAPO PULA É POR PERCISÃO'

Os irmãos começaram a falar sobre as máquinas velhas que eles reformavam e customizavam, como aqueles cinco moto scrapers, para que operassem melhor, uma prática que se tornaria um dos maiores diferenciais da U&M. Sérgio: "a máquina velha tinha que funcionar, então, se alguma peça desse defeito, a gente tinha que consertar". Renato: "a gente não tinha opção de comprar nova porque não tinha dinheiro nem crédito, então o povo foi desenvolvendo essa expertise de dar carinho para as máquinas, e elas correspondem". Marcelo: "Depois a gente descobriu, com Guimarães Rosa, que isso é biológico, da natureza: 'sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão. Ou seja, a gente fez isso por necessidade."

BONS DE CANTEIRO

Depois de sair da Módulo e passar a direção da empresa para Marcelo, Renato Machado fundou a Unienge Construtora, em 1985. Mas os irmãos nunca se afastaram. "As empresas eram pequenas e a gente continuava trabalhando muito junto", lembra Marcelo. Renato explica: "Eu pegava um serviço grande que cabia todo mundo, e aí chamava. Tinha um leilão de máquina que podia fazer conjuntamente, a gente fazia… e aí a gente acabou juntando as empresas formalmente." Marcelo lembra que a ideia de fundir as duas e dar origem à U&M (Unienge & Módulo) foi externada em um almoço no Carretão Gaúcho. Segundo Renato, a ideia era ter porte para participar de licitações de obras públicas, porque as empresas da família sempre trabalhavam como subempreiteiras, prestando serviço para as empreiteiras "titulares", porque não conseguiam trabalhar direto para o Estado.

"Mas a gente foi percebendo que para trabalhar para o Estado tem que ser eficiente em Brasília ou Belo Horizonte, e a gente não tinha essa eficiência", afirma, com fineza, Renato. "A gente sabia só de canteiro. Aquelas obras não eram pra gente." A motivação da criação da U&M foi fechar contratos públicos, mas isso nunca se concretizou. E, até hoje, faz parte da cultura da empresa não se envolver com empreendimentos estatais. "Os primeiros 20 anos foram de multiplicar zero por zero, tentando não quebrar. E aprendendo, claro." Marcelo aproveita para fazer um elogio ao irmão. "O Renato sempre foi muito líder. Eu sempre andei muito junto com ele. A gente sempre ouvia muito o Renato e aceitamos a sugestão de fazer um 'down size'. Diminuímos o número de frentes de trabalho, vendemos algumas coisas, compramos tratores Caterpillar 651 da Odebrecht, da Camargo Corrêa, e nos reestruturamos."

DONA BERENICE, A ORGANIZADORA

O envolvimento de Dona Berenice com a empresa se deu mais na organização do início. "Ela cuidava do financeiro", lembra Renato. "Eu era office-boy e tinha uma moça que fazia nossa contabilidade e imprimia as guias. Era um estresse, porque eu ia para lá e ficava esperando minha mãe ligar para dizer que tinha dinheiro, pra eu poder correr no banco e pagar. E volta e meia ela não conseguia, 'ah, não vai dar hoje'." Gumercindo não era tão organizado quanto a esposa, que era bastante rígida com as contas. "Eu lembro do meu pai comprando trator escondido da minha mãe, um Caterpillar D4. Eu lembro quando ela chegou e descobriu, 'mas e esse aqui?'. Ela controlava, mas ele era ousado."

SIMPLICIDADE E COERÊNCIA COM OS VALORES

Os valores de Seu Gumercindo e Dona Berenice permanecem gravados na cultura da U&M. A união da família é algo do qual os dois sempre se orgulharam muito. E tal união permanece na relação entre os irmãos. "Meu pai sempre foi muito correto, sempre pensando em fazer o melhor e sem atalhos. Isso é um catalisador para nós", observa Sérgio.

Apesar das diferenças de temperamento, a admiração entre os irmãos é mútua. "Eu invejo muito esses dois aí por saberem tocar um negócio desse tamanho", confessa Renato. "Quando eu saí da U&M, era muito menor." Marcelo acredita que não há segredo. "É ter simplicidade e coerência com os valores. Tratar bem as pessoas, porque elas fazem a empresa e têm de ser tratadas de forma correta. A gente trata qualquer um dentro da empresa de forma igual. Esse lado humano sempre foi muito forte nas nossas vivências."

DA GARAGEM ÀS MINAS

Das incontáveis pequenas histórias que fizeram a grande história da U&M, Renato, Marcelo e Sérgio se recordam de muitas. Muito mais do que cabe numa página de jornal. Mas e o futuro? "Aos 50 anos, a U&M vive o melhor momento da nossa história, sem dúvida. Nunca fomos uma empresa tão organizada, tão segura, tão promissora", afirma Renato. Pensando no futuro, ele lembra do passado mais remoto. "Quando meu pai ganhava um desaterro de garagem, era uma festa, 'oba, temos serviço pra amanhã e depois'. E hoje, aquela empresinha é a maior *mining contractor* da América Latina."

Para Marcelo, o futuro é promissor. "Acho que estamos prontos para um novo ciclo de crescimento, já com uma nova liderança à frente da empresa, o Sérgio com a equipe dele. Teve um primeiro momento com meu pai, um segundo momento com o Renato, um terceiro comigo, e o momento agora com o Sérgio. E a turma vindo, uma molecada nova, apaixonada."

Sérgio frisa que mais importante que a família Machado é a família Sangue Verde. "Os Machado são muito bem-vindos, com Sangue Verde nas veias." Isso significa, no jargão interno da empresa, ter identificação plena com a cultura da U&M, essa grande árvore que Marcelo descreve. "A gente está aqui cuidando de uma grande árvore. Ela vai ser muito mais longeva do que nós. Se a gente cuidar bem dela, todos poderão usufruir dos seus frutos por gerações."

O LEGADO DE GUMERCINDO MACHADO

Entusiasmo pelo trabalho e pelas pessoas

Gumercindo Machado: Seu exemplo se mantém vivo, seguido pelas novas gerações

Há dois anos, a U&M se despediu de seu fundador. Mas a força de Gumercindo Machado continua presente em cada obra, cada conquista, cada funcionário que veste com orgulho o verde da empresa. O tempo passa, mas o legado permanece, porque foi construído com trabalho, entusiasmo e a crença de que é possível transformar sonhos em realidade.

Nascido em 9 de outubro de 1928, na pequena Guarará (MG), Gumercindo Machado propagou o valor do trabalho, ensinando com o exemplo. Mudou-se ainda menino para Leopoldina e depois para Juiz de Fora, onde cursou Engenharia Civil na UFJF. Já no segundo ano da faculdade, trabalhava com topografia. Em 1957, fundou sua primeira empresa no ramo da terraplenagem, plantando a semente do que viria a ser uma das maiores empresas de movimentação de solo e rocha do país: a U&M Mineração e Construção.

Sua trajetória foi marcada pela ousadia, pela ética e pela perseverança. "O difícil a gente faz para ontem, o impossível a gente demora um pouquinho, mas faz também", costumava dizer. E não era apenas uma frase, era uma filosofia de vida. Para ele, "quem deseja espera acontecer; quem quer faz acontecer".

"Meu pai sempre foi muito correto, sempre pensando em fazer o melhor e sem atalhos. Isso é um catalisador pra nós"

Sérgio Machado

50 ANOS MOVENDO TERRA

A saga da U&M contada por quem segue construindo uma das maiores empresas especializadas em moviment

Inovadores por necessidade, criativos por natureza

Da mistura de otimismo com ousadia de Gumercindo Machado nasceu a vocação da U&M para a inovação e a excelência. Sérgio Machado, diretor-presidente, divide a trajetória da empresa em dois grandes momentos: "Nos primeiros 25 anos, éramos pequenos, trabalhávamos com tratorzinhos, depois vieram os scrapers rebocáveis e os moto scrapers usados, comprados de empreiteiras que os tinham aposentado. Era o que a gente tinha, e tinha que funcionar bem. O segundo momento, a partir de 1999, foi quando começamos a investir em caminhões fora de estrada e equipamentos de maior porte, como as primeiras aquisições, que foram 11 caminhões 773 de uma grande mineradora do Brasil"

Foi na adversidade dos primeiros anos que a U&M iniciou o desenvolvimento de uma expertise exemplar em manutenção, circularidade e reaproveitamento. "À medida que fomos fazendo um pouco de dinheiro, fomos reformando esses equipamentos e alongando a vida útil dos mesmos", conta Sérgio. Luciana Neves, diretora administrativa, completa: "Para isso montamos nossa oficina e nosso almoxarifado. Hoje temos R$ 300 milhões em peças para garantir que as máquinas não fiquem paradas por muito tempo." Em 2024, as duas centrais de reforma - Matias Barbosa (MG) e Canaã dos Carajás (PA) - entregaram juntas 905 componentes, reaproveitando mais de 2 mil toneladas de componentes que, de outra forma, poderiam ser descartados. Isso evitou a compra de novos materiais e reforçou o compromisso com a circularidade.

Experiência internacional

A entrada da U&M no seu segundo momento histórico, segundo a visão de Sérgio Machado, ocorreu na virada do século XX para o século XXI. A empresa foi pioneira no Brasil ao investir em equipamentos de grande porte e na estrutura de manutenção e treinamento próprios, o que a credenciou a operar em grandes projetos de movimentação de solo e rocha e prestar serviço para grandes mineradoras dentro e fora do país. Em 2007, a U&M iniciou sua jornada no exterior na Zâmbia, operando uma mina de cobre. O desafio de treinar e integrar equipes locais, somado à liberdade de importação, permitiu à empresa desenvolver um supply chain robusto e entender a operação de uma mina de forma completa. Foi a primeira vez que a U&M assumiu 100% de uma grande mina, o que proporcionou um aprendizado profundo sobre todas as etapas do processo de mineração. Essa vivência consolidou conhecimentos em logística internacional e abriu caminho para a expansão futura. A partir dessa base, a empresa avalia retomar os planos de expansão para fora do Brasil, com mais experiência e confiança

Equipamentos como diferencial

A U&M opera com cerca de 800 equipamentos, sendo a metade deles de grande porte, entre escavadeiras de até 550 toneladas e caminhões fora de estrada de até 300 toneladas. Com padronização da frota, a manutenção se torna mais eficiente e a disponibilidade dos equipamentos alcança aproximadamente 85%.

Esse padrão permite operações mais seguras e eficientes, substituindo múltiplos caminhões rodoviários por um único equipamento de mina. Para ser ainda mais vantajoso, a empresa aposta em inovação, como os projetos de caminhões autônomos e híbridos (leia mais na página 6).

"A gente faz uma parte muito pequena na cadeia produtiva da mineração, e isso é intencional, porque queremos ser os melhores do mundo nesse nicho, e temos de procurar formas de nos reinventar para fazer isso." A frase é de Lucca Machado, coordenador do projeto do caminhão híbrido - batizado de RePower - e representante da terceira geração da família.

Relacion

Clientes são
tória. O diret
lherme Castro
Maurício Cas
empresa evol
"Os clientes se
a crescer, nos
a sermos melh
altos padrões
em prol da se
lherme. Cons
sempre pode
rença, Casara
crises e saímos

A filosofia d
transações co
parte de uma

NOSSO T

No fim dos anos 1970, Gumercindo seguiu outros caminhos, e seu filho Renato, com cerca de 18 anos, assumiu a Módulo. Depois, em 1983, ele saiu para empreender e criou a Unienge. Já Marcelo, irmão mais novo, ficou à frente da Módulo. As duas empresas passaram a atuar em paralelo, muitas vezes concorrendo entre si.

Com o Governo Collor e mudanças no mercado, veio a decisão: unir forças. Nasceu assim, no início da década de 1990, a U&M: união de Unienge e Módulo. Renato e Marcelo se revezavam na presidência, e desde o começo a empresa estabeleceu um propósito claro: atuar exclusivamente no setor privado, longe de obras públicas e seus escândalos. Como resume Clóvis Sales, diretor executivo: "Admitimos o erro, porque é humano. Mas jamais o desvio."

DÉCADA DE
1970
Origem

A história da U&M, que completa 50 anos em 2025, tem raízes mais antigas, lá em 1958, quando o engenheiro Gumercindo Machado fundou a Sotepa – Sociedade Terraplenagem e Pavimentação. Com um trator Hanomag K60 e equipamentos financiados, ele sonhava alto. Teve reveses, como um calote de uma prefeitura no Rio de Janeiro, mas com o apoio da esposa Berenice Ribeiro, reergueu-se e, em 1975, criou a Módulo Terraplenagem, empresa que daria origem à U&M.

O CNPJ registrado naquele ano segue ativo até hoje. Foram anos de luta, nos quais cada contrato, por menor que fosse, era motivo de comemoração. Todos os sete filhos do casal trabalharam com o pai em algum momento, aprendendo sobre esforço e resiliência. Essa vivência moldou a cultura da empresa, como destaca Guilherme Castro, diretor de operações: "Se acontece algum problema, o que a gente ouve é 'que bom que aconteceu, porque a gente aprendeu'... é impressionante."

DÉCADA DE
1980
Unienge+Módulo = U&M

DÉCADA DE
1990
Virando a chave

No final da década, a U&M entrou em uma nova fase. Como lembra Sérgio Machado, faltavam scrapers no mercado, e a empresa optou por investir em caminhões fora de estrada, algo até então exclusivo das mineradoras. Em 1999, a U&M adquiriu sua primeira frota de 11 caminhões modelo 773. Para uma empresa ainda média, foi um passo ousado e estratégico, abrindo caminho para o novo ciclo que viria a seguir.

A ESCALA DOS GIGANTES

Fonte: Dados da operação da U&M, fornecidos pelo engenheiro master ***Gustavo Giarolla***

A maior escavadeira da frota da U&M é a Hitachi Ex 5500/5600, com capacidade para mover **2.500 m³ de terra** por hora, o volume de uma piscina olímpica

A U&M movimenta, por ano, cerca de **300 milhões de toneladas de terra**, o equivalente à produção anual de grãos do Brasil

Esse volume é comparável ao que foi escavado durante toda a construção do Canal do Panamá: **cerca de 177 milhões de m³**

O maior pneu da frota é do caminhão Komatsu 930 e mede **4 metros de altura**, superando a altura de um ônibus urbano comum

Essa escadeira pesa quase **550 toneladas**, o equivalente ao peso de 2,5 baleias azuis ou 12 aviões Boeing 737 vazios. Para transportá-la desmontada, são necessárias cerca de 15 carretas

Komatsu 9

Diferença de porte ent

PARA UM MUNDO MELHOR

ıentação de terra: uma história de resiliência, inovação e cultura feita com máquinas, coragem e gente

ıcionamento com clientes

es são parte essencial da his- O diretor de operações Gui- e Castro e o diretor comercial cio Casara lembram como a sa evoluiu com os parceiros. entes sempre nos impulsionam er, nos ensinam todos os dias os melhores, especialmente em padrões de operação de minas ol da segurança", resume Gui-e. Consciente de que a U&M e pode atuar para fazer a dife- Casara completa: "Superamos e saímos mais fortes com eles."

sofia da U&M vai além das ções comerciais: clientes são de uma comunidade, relações que duram décadas e geram melhorias mútuas. Feedbacks levam a inovação, abrem mercados e solidificam a confiança, base para os próximos 50 anos. Luciana reforça: "Além das colaborações com clientes, a parceria junto a fornecedores também gera resultados que seriam inatingíveis individualmente. E somos muito gratos por isso."

No horizonte, a U&M vislumbra crescimento, claro, mas não a qualquer custo. Sem pressão. Com ética. Um dia após outro. E sem atalhos, como afirma Casara. "A gente quer crescer, mas de forma sustentável e duradoura."

Governança de excelência

O espírito inovador e a cultura construída ao longo dos anos, que seus líderes chamam de "sangue verde", estão vivos em cada operação. "Formar pessoas, ousar, modificar equipamentos e mantê-los com excelência nos trouxe até aqui", ressalta Clóvis Sales, diretor executivo da U&M, na empresa desde 1990. Com os olhos na estratégia, Carolina Carvalho Zacharias, diretora de Finanças e Governança, destaca: "Nosso papel é garantir processos organizados para que a operação foque em mover terra e assim possamos entregar valor aos clientes." A governança da empresa é profissionalizada, ainda que com estrutura familiar, voltada à excelência e à performance.

A vida em primeiro lugar

A segurança é tratada de forma proativa: a U&M foca em evitar acidentes, e não apenas medir os que já ocorreram. A taxa de frequência total de acidentes, indicador que mede a quantidade de acidentes com ou sem afastamento por milhão de horas-homens trabalhadas, caiu de 3,17 em 2020 para 1,26 em 2024.

Em 2025, a empresa dá um passo ainda mais decisivo ao implantar o programa Fatal Risk Management (FRM), voltado à antecipação de cenários críticos e ao controle rigoroso de riscos fatais. A iniciativa representa uma mudança significativa na forma de gerir riscos na mineração, com foco em identificar previamente as exposições e implementar controles críticos capazes de evitar eventos de alto potencial.

Mais que uma ferramenta de gestão, o FRM simboliza uma mudança de mentalidade: enxergar antes para proteger melhor, fortalecendo uma cultura em que o cuidado é diário, a disciplina é essencial e a vida está sempre em primeiro lugar.

Valores de família

Os valores de Seu Gumercindo e Dona Berenice permanecem centrais: cuidado com as pessoas e desenvolvimento humano. "É genuíno", afirma Luciana. Para garantir o objetivo estratégico de "ter as pessoas certas nos lugares certos, capacitadas e motivadas", a U&M cuida da jornada do funcionário desde a atração, recrutamento, seleção, onboarding e programa Padrinho. Segundo Luciana, é aí que o funcionário aprende na prática e é aculturado durante toda a sua jornada de desenvolvimento, que envolve também os processos de avaliação, remuneração, benefícios e reconhecimento. O resultado aparece na pesquisa de clima realizada em 2024, que revelou que 91,1% dos colaboradores se declararam satisfeitos e motivados.

Essa conexão com o ser humano também se reflete no cuidado com a natureza, como lembra Sérgio: "A gente sente os danos e trabalha para compensar." Projetos como o Ibiti, o Moinho e a Fundação Guairá são reflexos desse compromisso verdadeiro com a regeneração ambiental e a responsabilidade socioambiental (leia mais na página 7).

TRECHO

Nos anos 2000, a U&M acelerou. A aposta nos caminhões fora de estrada se confirmou acertada. Equipes foram enviadas à Austrália para estudar mineração, e a empresa iniciou operações de grande porte, como em Itabira (MG), com a Vale. Investimentos em equipamentos novos no Japão, certificações ISO e atenção à segurança e ao meio ambiente tornam-se pilares do crescimento.

Em 2007, começou a internacionalização, com a operação na Zâmbia, África. No ano seguinte, veio a implantação do SAP, tecnologia de gestão usada por grandes companhias, e a auditoria pelas Big Four.

A U&M atua hoje em 10 frentes de clientes nos estados do Pará, Maranhão, Bahia, Minas Gerais e Goiás, além de dois centros próprios de manutenção: Matias Barbosa (MG), onde está a sede, e Canaã dos Carajás (PA). A empresa segue crescendo, sempre sustentada pela cultura que começou lá atrás, com um trator, uma família e uma fé inabalável no trabalho bem feito.

Lucca Machado reforça o compromisso com o futuro: "Sempre foi compromisso da empresa atuar da forma mais sustentável possível, é nosso valor. E na sustentabilidade a gente consegue gerar formas diferentes de pensar, que geram retorno econômico e impacto ambiental através da economia circular."

DÉCADA DE 2000

Crescimento e internacionalização

DÉCADA DE 2010

Conquistas compartilhadas

Em 2016, foi criado o Programa Sócio-Funcionário, que permite que colaboradores - de operadores a diretores - se tornem sócios da empresa. Eles compram ações subsidiadas e recebem dividendos, como qualquer outro sócio. Hoje, quase 200 funcionários fazem parte do programa, que representa cerca de 10% das ações da empresa.

Sebastião Machado, o Tito, da terceira geração da família, destaca: "Os valores aqui são alinhados às ações. Se a pessoa tem fit cultural, trabalha legal, a gente vê futuro nela, tem Sangue Verde... então faz sentido convidá-la para ser sócia." Para a empresa, é um investimento em pessoas que também investem na U&M.

Outro salto de governança foi a atuação do conselho na criação do Código de Ética e Conduta, confirmando o compromisso da Administração com a agenda Confiabilidade e Integridade, Compliance.

DÉCADA DE 2020

Capacidade, presença e consistência

ıtsu 930E, um dos maiores caminhões do mundo

orte entre os modelos utilizados em mineração pesada e um caminhão rodoviário

O tanque de combustível desta máquina comporta impressionantes **10.400 litros**. A cada 30 segundos, a escavadeira enche um caminhão com uma nova "conchada" de terra. Para isso, consome cerca de 5 litros de diesel por ciclo

A LIDERANÇA QUE CAMINHA JUNTO

Guilherme Castro
Diretor de Operações

Na U&M desde 2007, começou como estagiário e enfrentou grandes desafios, como a implantação da operação na mina S11D. Valoriza o espírito de equipe e acredita em uma liderança que serve, inspira e entrega. Tem orgulho da cultura de união da empresa.

Maurício Casara
Diretor Comercial e de Novas Tecnologias

Ingressou em 2005 como gerente de produção e viveu momentos marcantes na operação da Zâmbia. Defende um estilo de liderança colaborativo, baseado em propósito, proatividade e honestidade. Acredita que sempre é possível fazer a diferença.

Carolina Zacharias
Diretora de Finanças e Governança

Estagiária em 2000, voltou como diretora em 2013. Viveu marcos como a mobilização de Itabira e a estruturação de áreas-chave como ESG e Planejamento Estratégico. Valoriza simplicidade, disciplina e confiabilidade, e tem orgulho da ousadia na história da família fundadora.

Luciana Neves
Diretora Administrativa

Desde 2005 na U&M, iniciou como gerente de Suprimentos e Logística. Enfrentou desafios como a reforma da frota de caminhões de 300 toneladas e a internacionalização. Com liderança participativa, aposta em comunicação direta e respeito como pilares de uma equipe eficaz. Trabalha com propósito.

Clóvis Sales
Diretor Executivo

Começou em 1990 como estagiário e desde então é parte essencial da história da U&M. Liderou implantações desafiadoras como a da PPSA, no Pará. Defende uma liderança situacional e valoriza a transparência e o capricho.

Inovação que nasce da tradição

Cultura de reaproveitamento e manutenção abriu caminho para soluções autônomas, híbridas e sustentáveis na mineração

A inovação nunca foi um modismo para a U&M. A empresa acredita que o futuro é "seguro, inteligente e sustentável", e não é de hoje. Tal visão é consequência direta de uma cultura que aprendeu a reaproveitar, adaptar e fazer durar. As primeiras máquinas restauradas, ainda nos anos 1970, colocaram a U&M em um caminho que levou a uma tradição que extrapolou as manutenções preventivas, corretivas e preditivas até alcançar uma manutenção criativa, consolidada hoje em dois projetos de inovação. Ambos são voltados para a criação de kits capazes de transformar caminhões fora de estrada em máquinas mais modernas e sustentáveis: o Projeto Autônomo, que visa, como sugere o nome, automatizar parte da frota; e o RePower, que eletrifica caminhões em busca de maior eficiência energética e consequente descarbonização. Os dois são frutos de uma mesma mentalidade: evitar o descarte precoce, economizar recursos, reduzir o impacto ambiental e garantir mais segurança para quem está em campo.

"O Setor de Inovação foi criado dentro da área de manutenção em 2017, com a criação do Projeto Autônomo", conta Maurício Casara, diretor comercial e de novas tecnologias da U&M. Mas a semente já havia sido plantada muito antes: "A história por trás da inovação é muito mais antiga. Lá no passado, quando um moto scraper perdia o motor, por exemplo, a empresa adaptava um motor de caminhão rodoviário e botava para rodar. Se não tinha ar-condicionado, a gente incluía para dar melhores condições de trabalho ao operador. Aprendendo, adaptando, reaproveitando e melhorando as estruturas dos equipamentos em busca de maior produtividade e segurança, a U&M abriu, através de toneladas de terra ao longo das últimas décadas, uma estrada em que criatividade e sustentabilidade rodam em harmonia.

AUTONOMIA E SEGURANÇA

Foi a partir da percepção de que os fabricantes não teriam condições de oferecer soluções para modernizar caminhões mais antigos que a U&M decidiu desenvolver seu Setor de Inovação, buscando dessa maneira agregar valor ao serviço prestado e atender as demandas dos clientes com mais eficiência, de forma mais sustentável e segura. Lucca Machado, coordenador do RePower e terceira geração dos fundadores da empresa, recorda que em dado momento foi preciso se posicionar sobre o assunto. "Chegamos à conclusão que, como somos os grandes interessados, uma vez que temos uma frota com muitos caminhões antigos rodando perfeitamente graças às nossas centrais de reforma, a gente mesmo teria de fazer o que chamamos de 'retrofit'."

Luiza Bartels é coordenadora do Projeto Autônomo. "A ideia é que as duas equipes - Autônomo e RePower - tenham grande sinergia para trocar figurinhas sobre os aprendizados em cada projeto." Ela resume a dinâmica de produção do seu setor: "O engenheiro de hardware faz o esquemático e o pessoal depura pra ver se os circuitos elétricos estão em conformidade; aí colocamos o software, depuramos essa parte também e colocamos nos caminhões na área de testes aqui na U&M mesmo. Quando tudo está certo, levamos para a operação. Óbvio que aí aparecem novos níveis de problemas, o pessoal de campo vai relatando e a gente vai tentando buscar uma solução." Hoje, cinco caminhões operam em testes intermitentes, com acompanhamento de operador, rumo a uma produção 24 horas a partir de 2026.

Segundo Luiza, a inserção do caminhão autônomo tem muito mais variáveis intangíveis do que tangíveis. "As tangíveis são as regulares: disponibilidade, utilização. Mas existem essas outras variáveis, como a redução de incidentes ou quase acidentes dentro da cava, outros itens relacionados à segurança, ao impacto ambiental." De acordo com Casara, o foco principal é na segurança dos trabalhadores. "Não é pela economia, é pela pessoa mesmo, para a pessoa não estar exposta a risco." Ainda assim, há os aspectos econômicos e ambientais que restam como consequência da cultura circular, uma vez que o retrofit autônomo dá uma segunda vida ao equipamento. "Se ele é operado como o manual manda, a tendência é que ele consuma menos combustível, estrague menos, sofra menos com o erro humano. O resultado vai ser uma menor manutenção, uma vida útil maior de componentes." O ESG, na U&M, é consequência de uma cultura. "Nossa sustentabilidade é na prática, no dia a dia", assevera Luiza Bartels.

'MEGA SECADOR DE CABELO'

No projeto RePower, a lógica é a mesma do Autônomo: dar sobrevida e eficiência a veículos antigos. Boa parte da frota da U&M já é originalmente elétrica, explica Maurício Casara. "Esses caminhões parcialmente elétricos existem há décadas. O motor a diesel gera energia e a roda elétrica faz com que o caminhão ande para frente. O motor elétrico, quando você freia, joga energia de volta para o sistema. Mas em 1970 não existia tecnologia de bateria para conservar essa energia, então ele joga para uma caixa de resistência. É como um mega secador de cabelo, ele fica queimando a energia, que se dissipa, porque não tem bateria para ser armazenada." Em 2020, o diretor-presidente da U&M, Sérgio Machado, refletiu: "nós estamos jogando energia fora e já começou a aparecer bateria por aí, o que nós vamos fazer?"

"Em 2020 a gente começou a estudar, testar as baterias", recorda Lucca. "Nos últimos dois anos, iniciativas assim começaram a surgir também na Austrália, no Canadá. É até satisfatório, porque mostra que a gente está no caminho certo, tanto na ideia de retrofit quanto na solução técnica." Segundo Lucca, um caminhão como um 730E pode consumir algo em torno de R$ 2,5 milhões por ano em combustível. "Portanto, quando a gente fala de redução de combustível, qualquer porcentagem é muito significativa. Imagina a economia disso."

A escolha pelo modelo híbrido não plug-in tem razões técnicas e geográficas. "O Brasil tem uma topografia média de mina que é muito legal pra isso", explica Lucca. Não é plana como na Austrália, onde você não recupera muita energia, nem é como no Chile, que é uma montanha gigante que exige uma bateria forte pra poder atender. "A gente tem muito morro, mas com muita variação. Isso permite ter uma bateria menor, que é mais barata, e mesmo assim ter uma quantidade significativa de recuperação. Estamos falando de uma média de 25% a 30% de redução de combustível." A economia, dessa forma, vai além do diesel e alcança o ideal sustentável da circularidade.

LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA

O Laboratório de Eletrônica da U&M surgiu dentro do Setor de Inovação e depois foi incorporado à área de manutenção, voltado para operações. Toda a manutenção da parte eletrônica dos caminhões da frota da U&M passa por ali. O objetivo principal é a circularidade através da criatividade. "A ideia foi: por que não fazermos a reforma de nossos próprios componentes eletrônicos, nossas placas, nossos módulos?", afirma Mauro Couto, um dos integrantes do laboratório. "Muitas vezes, os componentes das máquinas não existem mais no mercado, e nós reformamos aqui, ganhando em termos de economia e agilidade", continua Filipe Fernandes, colega de Couto.

Itens que demorariam semanas, talvez meses, para chegar, se é que estivessem disponíveis no mercado, o Laboratório de Eletrônica consegue reparar em um dia. "Para aguardar determinados componentes, caríssimos às vezes, você terá um equipamento parado por três meses no campo. A gente consegue consertar em um dia e despachar para a operação", detalha Marcos Severo, outro membro do laboratório. "Muita mineradora já deixou de usar determinado caminhão porque essa é uma tecnologia dos anos 1970. Perdem o equipamento inteiro porque não existe mais a placa de comando", observa Maurício Casara. "Mas aqui eles conseguem recuperar a placa."

Para Luiza Bartels, o trabalho do Laboratório de Eletrônica, que ela acompanha desde o Projeto Autônomo, é algo admirável. "É uma equipe muito pequena, de apenas quatro pessoas, com uma eficácia muito grande." Além de Fernandes, Severo e Couto, ainda faz parte do time Gabriel Ferreira. Afinados e afiados, eles são referência até mesmo para os fabricantes. "Empresas do porte de Komatsu, Hitachi vêm visitar a gente e perguntam: 'mas como vocês estão operando com máquina que a gente nem fabrica mais?'", conta Couto, emendando a resposta, que é sempre a mesma. "Dedicação. Carinho. Conhecimento. E muito trabalho."

Projetos RePower e Autônomo transformam caminhões fora de estrada em máquinas mais limpas, inteligentes e seguras, unindo eletrificação e automação para uma mineração sustentável

MANUTENÇÃO E CIRCULARIDADE

Quando a sustentabilidade está no DNA

Os bastidores da maior equipe de manutenção pesada do país, onde máquinas antigas viram ativos, e o desperdício dá lugar à eficiência

Quando a U&M comprou seus primeiros moto scrapers, eram todas máquinas de segunda mão, restos de brutos descartados por grandes construtoras que já haviam passado pelo Milagre Econômico brasileiro na década de 1970. Para colocar esses monstros adormecidos há mais de dez anos para respirar novamente, foi preciso criatividade: substituir peças, restaurá-las, fazer modelos 657 de dois motores operarem como 651 de apenas um. "Deu muito resultado, porque a frota ficou muito confiável", opina o diretor-presidente Sérgio Machado. Na necessidade de encontrar soluções para tornar eficiente sua frota de combalidos gigantes metálicos, a U&M começou a forjar uma tradição de manutenção, circularidade e sustentabilidade que se tornou o DNA da empresa. E a permitiu crescer.

Hoje a U&M tem duas Centrais de Reforma: uma em Matias Barbosa, Minas Gerais, e outra em Canaã dos Carajás, no Pará. Ambas são resultado de uma cultura: conhecer profundamente as máquinas e equipamentos para tirar deles a maior eficiência, maximizando o potencial dos recursos e minimizando o desperdício. "Só movemos terra com excelência porque temos uma manutenção excelente", diz Sebastião Machado, terceira geração dos fundadores da U&M, em cuja fala vibram os valores da empresa, que são também os valores da família Machado. "A gente tem uma equipe de manutenção de excelência nesses equipamentos pesados. A turma foi sendo treinada aqui dentro. Tem gente que começou como lavador na nossa oficina e hoje é mecânico, tocando frente de serviço de escavadeira Hitachi".

Segundo o diretor de operações da U&M, Guilherme Castro, a performance excelente é pré-requisito na empresa. "Uma boa manutenção dá a garantia de entregar a produção e vai ter um menor custo e uma melhor rentabilidade", pondera. O processo de reforma de equipamentos resulta, portanto, em agilidade na prestação dos serviços, eficiência de custos para todas as partes envolvidas, desenvolvimento da comunidade através da geração de empregos e especialização de pessoal, e sustentabilidade do ponto de vista ambiental, uma vez que há uma drástica redução na produção de resíduos. Há uma redução de até 90% no uso de novos materiais; de até 87% em energia consumida no processo; e de até 87% na emissão de gases do efeito estufa.

PADRONIZAÇÃO E SIMPLICIDADE

O reaproveitamento de peças e a restauração de equipamentos vai ao encontro de um dos pilares da U&M: oferecer soluções eficientes, especializadas, rápidas e econômicas a seus clientes e parceiros, conforme sublinha Sérgio Machado. "Nós possuímos uma ampla variedade de equipameantos de grande porte, mas trabalhamos para formar uma frota padronizada. Essa padronização é um dos diferenciais da U&M, pois permitiu que nossos colaboradores desenvolvessem um profundo conhecimento sobre a manutenção e a operação dos equipamentos essenciais ao negócio. Isso resulta em maior confiabilidade da frota e processos operacionais simplificados, além de muita agilidade em reparos."

Para Maurício Casara, hoje em dia o suporte das fabricantes às empresas "melhorou muito", mas a realidade no passado era muito diferente. Praticamente não havia suporte para reposição de peças para as "mining contractors". "Se quiséssemos ter um caminhão de 200 toneladas operando, tínhamos que saber como manter esse caminhão", afirma. E a U&M aprendeu essa tarefa como ninguém. "Hoje uma máquina da nossa frota não fica parada mais de um dia. E se porventura ela tiver de ficar e não chegar um motor para ela, entra outra no lugar. Nós desenvolvemos capacidade de manutenção e logística para suportar essas situações."

CIRCULARIDADE COMO VOCAÇÃO

Sustentabilidade é um dos pilares da U&M, e não é da boca para fora. "Nosso propósito é mover terra para construir um mundo melhor e sustentável", afirma Casara. "Por mais que a gente tenha se especializado em reforma de equipamento, em adicionar novas tecnologias a máquinas mais antigas, o nosso propósito continua sendo mover terra, e tudo isso com base nos grandes valores: segurança e cuidado com as pessoas; confiabilidade; simplicidade; ousadia e inovação." A U&M foi a primeira empresa brasileira do seu ramo a investir em grandes equipamentos e também a primeira a investir em uma grande estrutura de manutenção e de treinamento próprio, desenvolvendo a mão de obra altamente especializada como diferencial.

Conforme pontua Casara, a questão da circularidade, que tem sido muito falada no ramo da mineração, na U&M é história antiga, vem desde sua fundação, da luta diária para aprender a adaptar máquinas, restaurá-las, reaproveitar peças, reduzir o desperdício e aumentar a eficiência. Tudo com inovação e criatividade. Hoje a U&M, obviamente, compra muitos equipamentos novos, mas ainda adquire máquinas antigas, pois sabe como recuperá-las e torná-las novamente eficientes. "E mesmo os nossos novos, quando ficam velhos, a gente começa um ciclo de reaproveitamento das peças", destaca Sérgio Machado. O pátio da Central Matias Barbosa parece um verdadeiro cemitério de dinossauros de aço e borracha. "Temos um monte de caminhões e escavadeiras de grande porte que parecem sucata", admite o presidente. "Mas essas máquinas passam dois meses aqui na Central de Reformas e saem novinhas, como se saídas da fábrica."

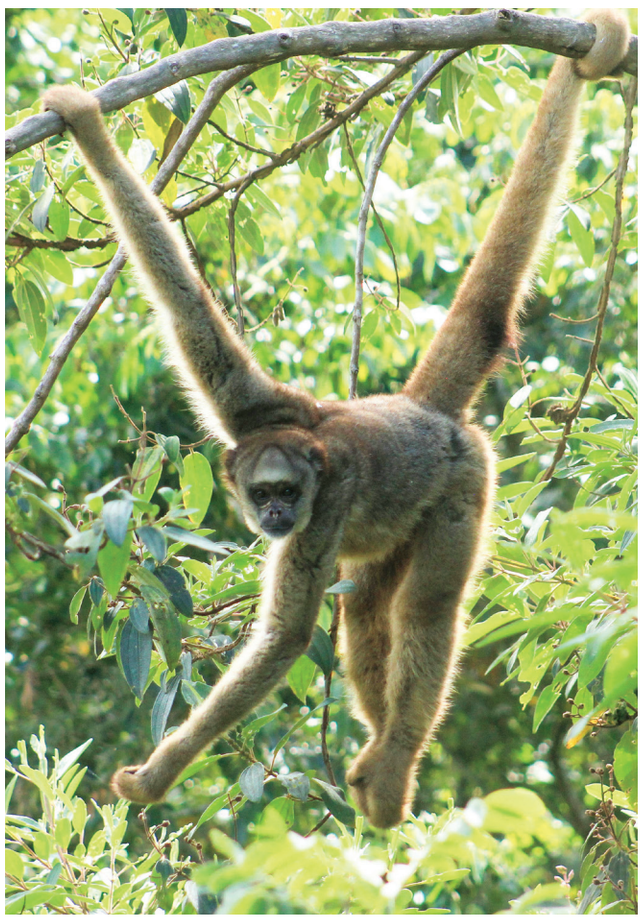
Transformação em movimento

Três projetos inspiradores colocam os valores da U&M em prática, gerando impacto real

Ao longo de cinco décadas, a U&M cresceu movida por máquinas, mas também por ideias, sonhos e uma crença constante na força das pessoas. Essa visão de futuro e compromisso com a transformação ultrapassa os limites da empresa e se reflete em iniciativas que têm a marca da família fundadora e o propósito de deixar o mundo melhor.

Conheça três desses projetos: a Fundação Guairá, que há mais de 30 anos cultiva cidadania, cultura e educação no Sul de Minas; o Ibiti Projeto, um território regenerativo que devolve espaço à natureza e inspira novas formas de viver; e o Moinho, um polo urbano de inovação e convivência que ressignifica o antigo moinho da Zona Norte de Juiz de Fora (MG).

Cada um à sua maneira, esses projetos expressam o mesmo espírito que move a U&M: construir com excelência, respeitar a terra e valorizar as pessoas.



FUNDAÇÃO GUAIRÁ

Educar, preservar, conectar

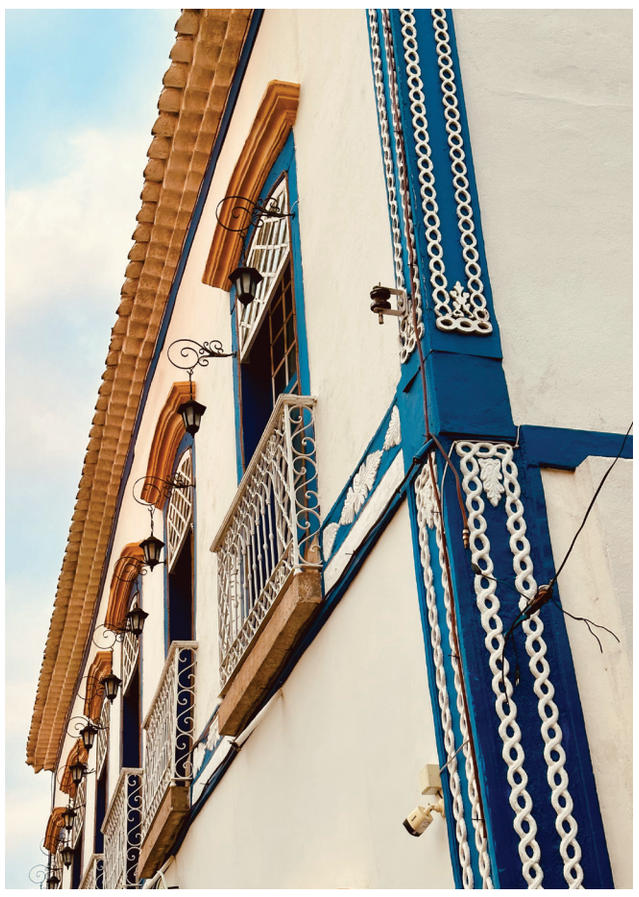
Desde o início da década de 1990, a Fundação Guairá atua em Andrelândia (MG) e região com um compromisso claro: promover o respeito à vida e estimular a transformação social por meio da educação, da cultura e da sustentabilidade. O nome "Guairá", de origem tupi-guarani, significa "terra sem males": uma referência ao ideal que guia suas ações há mais de três décadas.

Com atuação em seis eixos - educação, sociocultural, turismo, rural, sustentabilidade e saúde -, a Fundação Guairá desenvolve projetos que vão da formação de crianças ao estímulo à economia local. O Centro Educacional Fundação Guairá, criado em 2009, atende cerca de 200 alunos com uma proposta pedagógica baseada na metodologia Montessori, promovendo inclusão social, qualidade de ensino e construção da cidadania.

Já o Sobrado Barão do Cabo Verde, conhecido como Casarão, sede da instituição e patrimônio histórico municipal, é um centro cultural vivo, onde ocorrem oficinas, cursos, eventos e ações que fortalecem as tradições e os saberes da comunidade. Entre os projetos em destaque está a Oficina de Cerâmica, que capacita moradores no ofício artesanal, gerando renda e fortalecendo a cultura local.

No campo, a Fundação mantém o Polo Guairá, uma experiência prática de vida sustentável, na Fazenda Vista Alegre, e abriga ainda a Pousada dos Querubins, que recebe visitantes interessados em turismo ecológico e eventos integrados à natureza. Na mesma linha, o projeto Ave-Guairá já registrou mais de 200 espécies de aves na região, algumas ameaçadas, posicionando Andrelândia como um dos destinos emergentes para observação de aves e educação ambiental em Minas Gerais.

Com raízes fincadas no Sul de Minas e olhos voltados para o futuro, a Fundação Guairá mostra que é possível transformar realidades com responsabilidade e encantamento, cuidando da terra, das pessoas e do que nos conecta.



"Acreditamos na educação como um caminho para a liberdade. E liberdade começa com oportunidade para todos"

Berenice Machado
Fundadora da Fundação Guairá

Saiba mais
www.fundacaoguaira.org.br
@fundacaoguaira
Aponte a câmera para o QR Code

IBITI PROJETO

Regenerar a terra, transformar relações

O Ibiti Projeto é um experimento vivo de regeneração ambiental, social e econômica, situado na Zona da Mata de Minas Gerais, nos arredores do Parque Estadual do Ibitipoca. Com mais de 6 mil hectares de terras que envolvem três biomas - Mata Atlântica, Cerrado e Campos Rupestres -, o projeto nasceu da visão de que a natureza pode retomar seu espaço quando deixada em paz, com apoio técnico e sensibilidade.

A iniciativa começou há mais de 40 anos com Carlinhos Repetto, que adquiriu antigas áreas de pasto degradado. Primos de Carlinhos, os irmãos Renato e Marcelo Machado se envolveram e contribuíram para a consolidação do projeto como um território de regeneração. Hoje, a iniciativa é liderada por Renato Machado e equipe.

Espécies nativas são reintroduzidas, como as jacutingas, dispersoras naturais de sementes; os muriquis-do-norte, por meio do inédito Projeto Muriqui House, que já registrou o nascimento de um filhote e atua na reabilitação de indivíduos; e as antas, com um filhote atualmente sendo monitorado em um recinto cercado. O plantio de espécies estratégicas, como a palmeira juçara, também contribui para acelerar o equilíbrio ecológico e a restauração da biodiversidade local.

O projeto gera aproximadamente 300 empregos, estimula o empreendedorismo na comunidade local e um estilo de vida mais consciente e conectado com o entorno: o uso de bicicletas e caminhadas é incentivado em vez do carro; a produção local de alimentos orgânicos abrange cerca de 100 variedades; e a cozinha do projeto segue o conceito farm to table, usando ingredientes produzidos no próprio Ibiti ou adquiridos de pequenos parceiros e agricultores artesanais da região, fortalecendo a economia circular.

O Ibiti é uma visão de mundo em prática. Cuidar da terra e das pessoas é o ponto de partida.

"Regenerar a terra é também regenerar o jeito como a gente vive. O Ibiti é esse respiro da natureza e de nós mesmos"

Renato Machado
Fundador do Ibiti Projeto

Saiba mais
www.ibiti.com
@ibiti.projeto
Aponte a câmera para o QR Code

MOINHO

O lugar da vida coletiva e da inovação

Localizado na Zona Norte de Juiz de Fora (MG), o Moinho é um moderno centro urbano que integra empreendedorismo, inovação, cultura e moradia, tudo em um único lugar, instalado no prédio do antigo Moinhos Vera Cruz. Seu ecossistema dinâmico conecta negócios e pessoas por meio de experiências que inspiram e mobilizam ideias criativas e sustentáveis.

Estruturado em quatro eixos - saúde, educação, comércio e moradia, o Moinho promove a convivência como elemento central para transformar relações humanas e impulsionar o desenvolvimento local. Ambientes integrados e colaborativos estimulam conexões e fortalecem a inovação em áreas estratégicas da economia de Juiz de Fora.

O espaço também abriga o Hub de Inovação do Moinho, com infraestrutura completa para empresas: salas privativas, estações de trabalho, salas de reunião e espaços de convivência. Além do espaço físico, o Hub oferece uma programação exclusiva para as 15 empresas associadas ao seu plano de membership, com desafios de tecnologia, apresentação de cases, encontros com lideranças e acesso a redes nacionais de inovação.

Para ampliar as conexões entre pessoas, temas e ideias, o Moinho conta também com o Espaço Conectar, voltado à realização de eventos. O local abriga três Salas Multiuso, Auditório e Mirante, e já recebeu mais de 300 atividades e 15 mil pessoas em 2024, consolidando-se como um ponto de encontro para trocas significativas.

Com o objetivo de experimentar novos modelos de habitação, o Moinho lançou recentemente as suas moradias flexíveis por assinatura: 22 unidades que ocupam dois andares do antigo silo de grãos, agora transformado em um espaço único, com arquitetura original e decoração inspirada em obras de artistas locais. Além de praticidade e autonomia, as unidades oferecem uma vivência cultural e imersiva, conectada à tecnologia.

E o entorno do Moinho também se transforma. No início de 2026, a Rua Abherta será inaugurada como uma extensão da Rua Berta Halfeld, criando uma nova conexão com a Avenida JK. A via será ativada aos fins de semana e feriados com atividades de lazer, cultura e gastronomia, fortalecendo ainda mais o papel do Moinho como ponto de encontro e inovação e referência na cidade e região.

"O antigo moinho já transformava grãos. Hoje transforma ideias, negócios e a vida de quem passa por aqui. Juntos, buscamos a possibilidade de viver em um mundo melhor"

Marcela Machado
Diretora do Moinho

Saiba mais
www.nossomoinho.com
@nossomoinho
Aponte a câmera para o QR Code

Sangue Verde

Cristiano Fábio Scheffer (Tianinho)
Supervisor
"Faça o bem sem olhar a quem."

João Emílio de Faria (João Dunga)
Supervisor Geral de Manutenção
"Humildade vem de berço. Família vive de amor e carinho, não de luxo."

Ruberval Batista Alves
Supervisor Geral de Produção
"Faça todas as tarefas com segurança, não importa qual seja."

Daniela Fialho
Gerente de Contabilidade
"A única certeza que temos é que no final de cada fechamento haverá uma nova abertura. Assim é a contabilidade, bem como é a vida."

Maercio Alcântara Cerqueira
Gestor de Frotas
"Uma flecha lançada não volta. A oportunidade aparece uma só vez... se deixar passar, já era."

Antônio Rezende Neto
Especialista em Manutenção
"Diga a verdade. Melhor ficar roxo agora do que vermelho o resto da vida."

Neirivan França da Costa
Supervisor Geral de Produção
"Existe uma força interior que se manifesta em mim diante dos desafios. Quando surgem obstáculos, eu mergulho com tudo."

Valdinei Braz dos Santos
Engenheiro
"O céu é o limite."

Tatiana Deotti de Assis
Gerente de Frota
"Valores que levo comigo: simplicidade, humildade e liderar pelo exemplo."

Wander Rocha Dutra
Coordenador de Logística
"Se você quer ser bem sucedido, precisa ter dedicação total e dar o melhor de si."

JUNTOS NA ESTRADA

Do improviso no trecho à liderança em campo: trajetórias de quem aceitou o desafio e mantém a roda girando há 50 anos

Por trás do capacete, do rádio na cintura ou do embarque para uma operação remota, existe uma história de vida inteira. Ao longo dos 50 anos da U&M, essas trajetórias ajudaram a sedimentar a cultura Sangue Verde.

Mais do que relatos sobre tempo de empresa, aqui estão vivências de quem aceitou convites impensáveis, perdeu o medo (ou aprendeu a andar com ele) e saiu da zona de conforto sem aviso. A maioria tem mais de 20 anos na empresa. No improviso de uma tenda, nas noites viradas em minas distantes, a sensação de missão cumprida, a felicidade de contar com o apoio da equipe, o reconhecimento pela dedicação.

"Não sou sonhador. Eu realizo todo dia trabalhando", diz João Emílio de Faria, o João Dunga, que chegou antes mesmo de a empresa se chamar U&M. "A vida era uma odisseia. A gente fazia o impossível com o que tinha. Mas dava conta." Hoje, aos 73, segue atuando na oficina do Pará. "O Renato fez uma estrutura que bate com a da sede. Marcelo nunca me deixou faltar nada, é um amigo. O seu Gumercindo sempre nos tratou com humanidade. Isso marca a gente."

Outro nome que atravessa gerações é Maercio Alcântara Cerqueira. Aos 81, segue em campo com fôlego. "Todo dia, às 6h30 da manhã, já estou no computador. E viajo muito. Desço do avião, pego o carro e dirijo até a mina. Em Goiás, no Pará... passo a semana tirando dúvidas do pessoal." Maercio foi um dos primeiros a trabalhar com Renato Machado. "Tem 39 anos que estou na U&M." Foi ele quem plantou a muda de sequoia que hoje cresce na sede da empresa. "Já tem quase três metros", conta com orgulho.

DESAFIOS NA ÁFRICA

Muitas dessas histórias se cruzam longe de casa. Antonio Rezende se lembra das madrugadas viradas na mina da Zâmbia. "Virava noite pra não deixar máquina parada. Fomos montando a oficina do zero." Levou a família - a esposa e quatro filhos - para viver com ele. "Foi nosso maior desafio. Começar sem falar a língua." Uma lembrança difícil: a filha começou a ter lesões na pele. "Eram 17 bernes. Um susto. Mas a rede de apoio dos brasileiros era forte. E a empresa sempre esteve do nosso lado."

Ruberval Batista Alves, hoje supervisor geral, também passou pela África. "Cada obra é um desafio, mas a operação na Zâmbia foi o maior." Uma fala que nunca esqueceu: "Um africano virou e disse: 'Gostamos de trabalhar com o senhor porque o senhor não nos maltrata.'" Ele saiu do Amazonas, formou os três filhos e comprou sua casa com o que construiu na empresa. "A U&M é minha vida. Ela te treina, te mostra os caminhos certos."

Cristiano Scheffer, o Tianinho, viveu outra jornada. Começou como auxiliar de manutenção, saiu por cinco anos e voltou. "Vi que nunca devia ter saído. "Faço o que gosto e estou no lugar certo. E agora, como sócio da U&M, é um orgulho ainda maior fazer parte dessa família que cresce com ética." Quando fala da África, é com afeto. "Outro idioma, outra cultura… mas depois virou meu destino favorito. Fiz amigos, trabalhei duro e me diverti."

FOCO E DISCIPLINA

Do chão da oficina ao planejamento logístico, Wander Rocha Dutra carrega quase 26 anos dedicados a mover estruturas, literalmente. "Importar tratores D11 pelo porto de Belém, levar escavadeiras para Pedra Branca do Amapari... A gente corre contra o relógio para entregar equipamentos e componentes em prazo recorde. Sou sistemático. Gosto de tudo nos mínimos detalhes."

Do lado da gestão, Tatiana Deotti também lembra dos tempos de pouco recurso e muito desafio. Estagiária ainda, foi enviada sozinha a negociações importantes com compradores estrangeiros. "Uma vez em Rio Capim, outra em Carajás. Eu era inexperiente, nova, e me mandaram lá vender caminhões pesados. Senti medo, claro. Mas fui e consegui." Atualmente, lidera a área de Gestão de Frota, com uma equipe enxuta que opera sob alta pressão. "Gerenciar frota é olhar performance, disponibilidade, custo. É foco e disciplina todo dia."

Daniela Fialho também cresceu dentro da empresa. Começou como auxiliar administrativa e chegou à gerência de Contabilidade. Em 2010, assumiu como contadora geral do grupo. "Foi um momento de grandes responsabilidades, mas também de muito aprendizado." Durante a pandemia, viu o setor migrar para o home office do dia para a noite. "Tivemos que aprender a trabalhar de outro jeito e rápido." Mais de 20 anos depois de sua entrada na empresa, ela mantém a mesma postura: "Sou grata pelas oportunidades e sigo enxergando muitos anos pela frente."

TRABALHO DURO NO "TRECHO"

No Maranhão, Neirivan França da Costa fala do maior marco de seus 25 anos de empresa: a Hidrelétrica de Estreito. "Concluir aquela obra com excelência me encheu de orgulho. Me sinto privilegiado por ter visto como a empresa era e o que ela se tornou."

Valdinei Braz dos Santos, o Dinei, entrou como trainee, passou por várias funções e realizou o sonho de se tornar engenheiro. "No início, quando a gente ia mobilizar uma obra, muitos fornecedores nem conheciam a U&M. Eu mostrava fotos dos nossos equipamentos e dizia: 'Esses são só uma amostra, temos máquinas ainda maiores e melhores.' É gratificante ver o quanto a empresa cresceu e saber que contribuí com meu trabalho."

Juntas, essas vozes contam algo maior: que não existe estrutura robusta sem gente que tope o incerto, que permaneça nos dias difíceis, que se orgulhe de um trabalho feito com excelência. Uma empresa não cresce sozinha, ela é feita por quem fica, volta, muda, resiste.

Essa é a cultura Sangue Verde. Cada um desses profissionais que carregam um crachá carregam também uma escolha: a de continuar.